

Hermenêuticas da cultura, mundo e educação

Rosana Silva de Moura (PPGE-UFSC)

Introdução

Em termos gerais, o objetivo desta comunicação é trazer a público tanto alguns elementos de uma pesquisa em Filosofia da Educação como um grupo de pesquisa que a mesma orienta no Centro de Ciências da Educação¹. Logo, a presente pesquisa vincula-se ao campo da Educação, procurando acercar-se de uma multiplicidade possível de sentidos para a formação humana. A Filosofia da Educação, no CED, é uma disciplina da área de Fundamentos, compondo o currículo do curso de Pedagogia. Mas também é uma área de pesquisas no Programa de Pós-graduação, congregando pesquisas de várias faces teórico-filosóficas, mas especialmente *pré-ocupadas* com o problema de invenção de modulações para a racionalidade e, por isso, as pesquisas se encontram, em alguma medida mergulhadas em uma concepção de formação humana que não dispensa o elemento estético de suas possibilidades de existência (HARDT; MOURA; BARBOSA, 2014). Portanto, a Filosofia da Educação que se produz ali, nas suas variedades, e, falo aqui da especificidade da hermenêutica filosófica, não deseja restringir-se ao molde curricular, estreiteza perigosa da qual já nos alerta Flickinger (1998; 2014), mas, antes sim, aproveitar o espaço do currículo para fazer pensar a plasticidade possível da formação humana, o caráter reflexivo das práticas docentes e os modos de existência – ou não, no universo dos fenômenos da cultura escolar e as possibilidades formativas dos entes no trânsito pelo mundo. Então, temos como tarefa primordial interpretar sentidos na historicidade de conceitos como cultura, mundo, historicidade, finitude, formação humana tendo em vista o horizonte da hermenêutica filosófica de viés gadameriano e heideggeriano. Podemos dizer com isso que tais conceitos reunidos fundam uma marca interpretativa para a formação. Em termos operacionais, ou seja, do modo como fazemos a operação histórico-filosófica, importamos sentidos formativos destes conceitos para pensar a formação humana. O uso compreensivo do texto clássico (CALVINO, 1983; GADAMER, 1997) nos coloca, a partir da interioridade que ele provoca (GADAMER, 1997), mediante o esforço hermenêutico de interpretação do outro que nos interpela seja no universo do clássico mesmo seja na face a face com o contemporâneo que nos oferece em termos de fenomênico. De modo amplo também cumpre destacar que a Filosofia da Educação assim pensada e constituída como horizonte de pesquisa precisa contemplar seu objeto, a formação humana, desde uma mirada perspectivista dela mesma considerando a multiplicidade de demandas que nosso tempo impõe. Nesse sentido, a compreensão heideggeriana orienta nosso movimento no horizonte interpretativo.

Provisoriedades: o problema de pesquisa, alguns alcances e objetivos

Situado no horizonte da Filosofia da Educação, o problema da formação humana demanda uma pesquisa dos elementos que desenham a formação desde uma perspectiva filosófica e seus pertencimentos à história da filosofia. Martin Heidegger, em **Introdução à filosofia**, nos inspira a pensar pelo menos a partir de dois pontos, a saber: 1) a filosofia é movimento de que põe em curso o filosofar – ela é um esforço de ordem prática, e, 2) não é preciso dispensar a história da filosofia para este esforço, porque temos aí uma contribuição que entendemos ser da própria historicidade dos conceitos com os quais ele se ocupa, tanto a ressignificar como *fabricar*, no sentido deleuziano. Na história dos pertencimentos e rupturas

¹ CED/UFSC, com auxílio CNPq, sob abrigo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Pesquisa Científica PIBIC/CNPQ-PIBIC-Af/CNPq-BIPI/UFSC, 2015-2016, Edital de 8 de abril de 2015.

identifica-se ao horizonte da hermenêutica filosófica e, por isso, acompanha sua vincula-se aos conceitos de história, ser, mundo e cultura.

Em termos metodológicos, cabe ressaltar a primazia de uma prática interpretativa das formas como o humano inventa, reinventa ou reproduz formas culturais e de mundo que significam a formação humana dada no tensionamento entre natureza e cultura. Esta prática acontece concomitantemente ao uso do texto clássico em Filosofia da Educação e da escuta de fenômenos culturais presentes no universo escolar assim como da interpretação das práticas pedagógicas. A pesquisa desdobra-se sob orientação e atualização de textos clássicos na filosofia da educação, considerados na sua vinculação primeira à filosofia, especialmente hermenêutica filosófica gadameriana e à analítica existencial heideggeriana. Sob este horizonte interpretativo, cultura e mundo são representados por meio de cultura material e imaterial presentes nos estabelecimentos de ensino (NIETZSCHE, 2003).²

Desde a contribuição de Wilhelm Dilthey, as ciências do espírito têm procurado significar o mundo a partir da multiplicidade de sentidos que o exercício de interpretação pode realizar. Há uma mudança paradigmática importante no horizonte da filosofia, nos últimos anos do século XIX, atingindo a filosofia da educação.

Assim como Dilthey, Schleiermacher já havia levantado a questão da necessidade de uma distinção metodológica para a tradução do humano e dos fenômenos de sua existência, o que efetivamente marca um novo modo de pensar e fazer a formação humana e um destes modos se refere à hermenêutica filosófica (GRONDIN, 2012; MOURA, 2013). Nesse sentido, à luz da compreensão hermenêutica a formação humana é entendida como um entrelaçamento entre vivências e experiências dadas na cultura e mundo (DILTHEY, 2011).

No século XX, o horizonte hermenêutico no qual a formação humana movimenta-se é marcado pela perspectiva antropológica de viés heideggeriano (STEIN, 2010), a partir do qual filosofia e história se tornaram elementos indissociáveis na interpretação do humano que se encontra, desde sempre, em um mundo orientado pela finitude (HEIDEGGER, 1995; 2008). Este desenho da formação implica um entendimento da filosofia da educação como tarefa que persegue o devir e a filosofia mesmo se transforma em um exercício permanente do filosofar (HEIDEGGER, 2008), traduzindo-se em um refletir sobre as condições do existente na cultura e mundo.

De modo amplo, a pesquisa pretende consolidar a importância do lugar do intérprete (DE CERTEAU, 2011) na educação como sendo efeito de uma experiência formativa que traz uma marca ontológica de *disposição à abertura* ao mundo, vale dizer, à cultura. Para isto, na pesquisa estudar-se-á a polifonia e o caráter híbrido do conceito ou, como sinaliza BHABHA (2001), “hibridismo cultural”. A pesquisa em andamento dialoga com outra³ e têm apresentado janelas a partir das quais novos horizontes de pesquisa se apresentam, agora perscrutando

² Ademais, a pesquisa tem por objetivos propiciar ao aluno bolsista PIBIC de graduação, o envolvimento com o universo da pesquisa acadêmica, estabelecendo uma ponte entre ele e o nível da pós-graduação, nomeadamente por meio dos alunos de mestrado e doutorado. Tal objetivo espelha-se no princípio proposto pela Lei de Diretrizes e Bases que propugna a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão Universitárias enquanto princípio elementar da formação humana. Conforme ressalta Chauí (2001), à luz de uma longa tradição pela presença da universidade no cenário laico da sociedade civil podemos assegurar que se trata de “uma instituição social. Isso significa que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que é e faz parte. Não é uma realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada.” (op. cit., p. 35). Sendo instituição social tem por tarefa o “dar a pensar” (id., p. 152) na esfera da pesquisa e que se espraia, efetivamente, no ensino e extensão.² A partir deste entendimento, apresentamos aos alunos de graduação em pedagogia e pós-graduação em educação (pesquisas de Mestrado e Doutorado, buscando reuni-los em atividades de estágio docência, discussões sistemáticas em grupo de estudos e seminários), os conceitos de *cultura e mundo* como elementos fundamentais na interpretação da *formação humana*.

³ “A hermenêutica filosófica, o texto clássico e a filosofia da educação: uma perspectiva de formação humana”.

conceitos como cultura e mundo, problematizando e dilatando o horizonte compreensivo desta que é uma das matérias-primas da filosofia da educação.

Considerando que a ideia originária posta desde Gadamer para a hermenêutica, residindo estritamente na interpretação do texto (clássico, principalmente) e na obra de arte, para nossa perspectiva atual de pesquisa faz-se necessário expandirmos nossa intencionalidade sobre outros artefatos da cultura. Os conceitos de mundo e cultura nos sugerem tal expansão. Isto leva a uma ampliação do referencial teórico e mesmo do objeto sobre o qual recai o olhar e escuta do intérprete. Uma das intenções é a de determo-nos sobre elementos de materialidade e imaterialidade de cultura (BENJAMIN, 1994a, 1994b) que deixam ver o desejo de traduzibilidade e compreensão do intérprete.

Nesse sentido, a hermenêutica se abre ao exercício interdisciplinar dialogando com a história, as artes em geral, a antropologia filosófica e a psicanálise, como modo e disposição para a interpretação da experiência formativa dada no contemporâneo através da frequência do mundo, bem como a leitura do texto clássico, conforme já vimos desenvolvendo no projeto anteriormente referido.

Trata-se de ampliar o horizonte formativo à luz de uma “frequência do mundo” (MONTAIGNE, 2002; MOURA, 2014) e de seu aporte fenomênico para a educação. A partir desta orientação, a intencionalidade da pesquisa passa a constituir um *locus* epistemológico visando aos intérpretes da cultura, tendo em vista possíveis contribuições à área da Filosofia da educação, marcadamente pela abertura ao mundo que ela experimenta na tentativa de um sentido formativo. Trata-se, portanto, da constituição de um *locus* no qual podemos experimentar hermenêuticas da cultura.

À luz deste entendimento estamos agora aprofundando o sentido atribuído à filosofia da educação, qual seja, de um *locus* de experiência formativa dada no uso do texto clássico. Entendemos que para ir mais ao fundo da questão faz-se necessário ampliarmos o leque de perspectivas sobre o objeto, a saber, a formação, o que nos leva a uma ampliação do conceito de modernidade através de alguns de seus intérpretes.

Se a formação humana não pode ser reduzida a um ou outro paradigma, sob pena de transformar-se em sua própria antípoda, urge um alargamento do repertório conceitual e mesmo das temporalidades sobre as quais estamos pensando as possibilidades da experiência do humano.

Já nos ensinavam Heidegger e Gadamer sobre os possíveis da experiência humana quando se referiam aos círculos hermenêuticos e *vitiosum*: tal circularidade desenha, provisoriamente, maior ou menor grau de abertura o que restringe sentidos que a envolvem e que, por si, nos enredamos de modo provisório ou permanente.

Com esta perspectiva filosófica percebemos um *câmbio* paradigmático a partir do qual o aspecto intersubjetivo é determinante porque o reconhecimento da “própria finitude” nos dá outra orientação no mundo. Conforme sugere Heidegger, em *Ser e tempo*, a compreensão da finitude e o acontecimento da presença do outro nos surpreende e nos coloca em situação de relativizar nossa verdade. Há uma mediação de horizontes ultrapassando o que poderia transformar-se no aspecto do *vitiosum* da subjetividade (aliás, em *Verdade e Método*, o autor nos chama a atenção para o fato de que o próprio compreender já é acontecimento (e limite): *aconteço já no compreender de algo*).

Em outras palavras, no que concerne à educação escolar, temos um paradigma distinto daquele das teorias tradicionais de educação com as figuras dos pais, professores e escola determinando a formação do aluno, ou ainda, que estas figuras teriam poder de determinação automática e imediata sobre a formação (e moralidade) do sujeito. Já na perspectiva contemporânea, do elemento intersubjetivo, a verdade é um acontecimento provisório, dada na imersão do humano no mundo - em conexões com ele e a cultura. A escola precisaria estar atenta a este modo de configuração da vida. A isto se dedica a filosofia da educação, procurando inspirar uma formação humana que acompanhe as demandas do mundo e da cultura no curso de Pedagogia.

Todavia, a disciplina de filosofia da educação traz consigo certo paradoxo porque encarrega-se da tarefa formativa para uma “postura refletida” (FLICKINGER, 1998, p. 16) que ela mesma assevera como imanente à formação do professor e espelho na formação do aluno. Nesse sentido a filosofia da educação não deveria contentar-se com um investimento de abordagem disciplinar. Tal espécie de postura deveria espalhar-se ao longo de um curso acadêmico, por todas as disciplinas, pois é condição primordial da formação intelectual do professor em geral. O sentido da vocação/Beruf da qual nos lembra Heidegger (2008, p. 7), nos inspira a pensar a partir de uma formação profissional que fosse de escuta ao chamado de uma “tarefa interna que o ser-á reserva para si no todo e no essencial de sua existência.” Sabe-se que o exercício de uma postura de refletida implica o olhar cuidadoso para com a tradição a partir da qual o humano alimenta (vale dizer atualiza) seu repertório vivencial que tem efeito na existência mesma. Basicamente o que se pretende com este esforço é compreender o valor e contribuição do texto clássico, como partícula efetual da tradição, na formação humana; interpretar a formação humana à luz dos elementos constituintes da Área de Filosofia da Educação; interpretar o conceito de cultura na sua característica de pluralidade; interpretar o conceito ‘mundo’ à luz da hermenêutica filosófica; amplificar o conceito de formação humana e sua possibilidade de repercussão na prática docente; amplificar o conceito de formação humana e sua possibilidade de repercussão junto à comunidade científica na UFSC, nomeadamente em lugares como o Salão de Iniciação Científica. E, especialmente, pensar a formação humana mediante os conceitos de modernidade e pós-modernidade.

Tendo por base esta inspiração filosófica, objetivamos colocar em curso a filosofia da educação enquanto lugar de intérprete da cultura e mundo a partir de um horizonte hermenêutico e interdisciplinar. Em termos específicos, a pesquisa orienta-se para interpretar a polifonia do conceito de cultura, destacando a categoria “mundo” como elemento formativo do humano. A pesquisa também considera a possibilidade de negociação de sentidos entre as dimensões estéticas e epistemológicas na tecitura dos referidos termos. Com isso, pretende reunir hermenêuticas da cultura e mundo no horizonte da filosofia da educação, tendo em vista uma ampliação da experiência formativa. A proposta que trazemos aqui é a de que, operando com tais conceitos – cultura e mundo, o aluno bolsista de iniciação científica encontrar subsídios para pensar sobre a formação humana em uma amplitude maior.

Conforme enunciamos no início desta exposição nosso texto pretendeu dar sinais de uma pesquisa em curso que tem como objetivo primordial desvelar elementos de formação humana – tal propósito, ainda aberto, não poderia apresentar-se em um formato conclusivo.

Referências

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 114-119.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 165- 196.

BHABHA, H. **O Local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Cia das Letras, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a Universidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DE CERTEAU, M. A escrita da história. Tradução Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DILTHEY, W. **Filosofia e educação: texto selecionados. Wilhelm Dilthey**. Tradução Alfred Josef Keller e Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

FLICKINGER, H-G. *Para que filosofia da educação? - 11 teses*. In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 16, n. 29, p. 15-22, jan./jun. 1998.

_____. *Na contramão das atuais correntes pedagógicas*. In: **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba**, v. 9, n. 22, p.155-174 maio/ago. 2014.

Disponível em <http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/>

GADAMER, H-G. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GRONDIN, J. **Hermenêutica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HABERMAS, J. **Pensamento Pós-metafísico. Estudos filosóficos**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARDT, L. S; MOURA, R. S; BARBOSA, H-H. As várias faces estéticas na formação humana: o fecundo universo da filosofia da educação. **CONJECTURA: filosofia e educação**, Caxias do Sul, v. 19, n. 1, p. 89-108, jan/abril. 2014.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

_____. **Introdução à filosofia**. Tradução Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre a organização interna e externa das instituições científicas superiores em Berlim*. IN: **Um mundo sem Universidades? Gerhard Casper, Wilhelm von Humboldt**. Tradução Johannes Kretschmer e João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997. p. 79-100.

MOURA, Rosana. **Filosofia da Educação: mediações possíveis entre tempo e reconhecimento social**. São Paulo: AnnaBlume, 2013.

_____. *Finitude, "frequentação do mundo" e formação humana em Michel de Montaigne*. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 1169-1184, out./dez. 2014b. (Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade).

NIETZSCHE, F. *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. In: SOBRINHO, N. C. M. **Escritos sobre educação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 41-137.

STEIN, E. **Antropologia filosófica: questões epistemológicas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.